Á

FIDELISSIMA LUSITANIA

LIVRE JÁ DA TYRANNIA

DOS PERFIDOS FRANCEZES

ODE PINDARICA

POR

JOSÉ DE GOES,

Presbytero da Congregação do Oratorio de Pernambuco.

RIO DE JANEIRO.

1809.

NA IMPRESSÃO REGIA.

Por Ordem de S. A. R.

Lysia será qual foi, qual he no Globo
Mãi d'Heroes, das Nações a flor, o esmalte,
Da Virtude esplendor, da Gloria Templo,
Pomposo Torreão de ferrea base
Lysia embraça o pavez d'eternos Fados;
Se Lysia baquear, baquea o Mundo:
Hum Deos não he perjuro, hum Deos não mente.

BOCAGE.

ODE.

ESTROFE I.

SALVE, Patria d'Heroes, Lysia famosa,
De valentes Guerreiros berço illustre,
Que nos antigos tempos
Já com immenso lustre
Triunfante, gloriosa,
Sempre a teus inimigos respeitavel,
Foste aos seus Esquadrões inexpugnavel.

ANTISTROFE I.

Tu em meu peito atea a nobre chama,
Em que inflammar costumas diligente
A gentil valentia
Da bellicosa gente,
Que em teu amor s'inflamma,
Porque possa cantar com voz sonora
A, que fizeste, acção bella, decora.

EPODO I.

Tu do vil Bonaparte
Quebraste forte as perfidas algemas:
Com esforço, e com arte
Illudiste os seus vãos estratagemas:
Soubeste castigar com justa pena
Os bravos d'Austerlitz, Marengo, e Jena.

ESTROFE II.

As inermes Donzellas violadas,
Assassinios crueis, roubos horrendos,
Nefandos sacrilegios,
Os feitos estupendos
São das Gentes malvadas,
Que vindo proteger a Lusa terra
Aleivosas lhe fazem crua guerra.

ANTISTROFE II.

A sua protecção falsa, fingida
Converteo-se em feroz atrocidade,
Assim que conhecerão
A prompta brevidade,
Com que foi concluida
Do PRINCIPE Regente a retirada,
Que a sua vil astucia fez frustrada.

EPODO II.

Baldados seus intentos
Vendo, cheio de raiva, o Corso fero
Deixa os váos fingimentos,
E com cego furor, qual outro Nero,
Decreta destruir as Lusas Quinas
Com mortes, com estragos, com rapinas.

ESTROFE III.

Raposa, Lobos, Tigres com Harpyas
O terreno já cobrem Lusitano,
E cumprindo feroces
As ordens do Tyranno,
Por más aleivosias
Os Lugares, as Villas, as Cidades
Gemer fazem com sevas crueldades.

ANTISTROFE III.

Já d'Elysia os guerreiros Defensores
Da Patria são mandados para a França:
Com barbara fereza,
De que nunca descança,
A furia dos traidores,
Privar das armas manda os Portuguezes;
Porque vivão sem susto os máos Francezes.

EPODO III.

Já todas as riquezas
Do Throno Portuguez, da Fidalguia
São limitadas prezas
Do vil Napoleão na fantasia,
Que manda seja Lysia desgraçada
Em quarenta milhoens de mais mulctada.

ESTROFE IV.

Para que possa conservar sujeita
A seu cruel capricho a Lusitania
Este deforme monstro,
Cuja brutal insania
Nenhumas Leis respeita,
Manda sejão levados a Bayona
Os que ter illudido já blazona.

ANTISTROFE IV.

Alli, então perdido todo o pejo,
Mil promessas lhes faz, mil ameaços;
Porque remover possa
Os fortes embaraços
De seu torpe desejo,
Senhor sendo por elles proclamado
Do Reino ao Luso PRINCIPE usurpado.

EPODO IV.

Mas oh quanto s'engana
A faminta ambição nos seus projectos
Cruel, e deshumana!
Já rasgados vão ser os seus Decretos
Pela dos Lusos nobre valentia,
Que da Gallia sacode a Tyrannia.

ESTROFE V.

Já o Nome do PRINCIPE Regente
Entre vivas alegres repetidos
Os animos esforça
Dos Lusos abatidos,
Que com valor ardente,
Quaes Leões esforçados, generosos
Os Gallos accomettem orgulhosos.

ANTISTROFE V.

Tu, brioso Sepúlveda, guerreiro,
Da bella Lusitania honra preclara,
A Caza de Bragança
Com voz sonora, e clara
Acclamaste primeiro,
Viva o nosso bom PRINCIPE: dizendo,
E c'os Gallos feroz arremettendo.

EPODO V.

Os eccos retumbantes
Da, que fizeste, acção illustre, bella
Per si forão bastantes;
Porque já sem temor, e sem cautella
Os leaes Portuguezes te imitassem,
E ledos o seu PRINCIPE acclamassem.

ESTROFE VI.

Com desprezo das Leis do Atila novo
Já no Porto tremulão as Bandeiras
  Do PRINCIPE dos Lusos:
  Já falanges guerreiras
  Do Clero com o Povo
Pulão por ver-se ás mãos c'os feros Gallos,
E do patrio terreno exterminallos.

ANTISTROFE VI.

Em vão seus esquadrões Loason move
Para punir os que rebeldes chama:
  De nada lhe aproveita
  A raiva, em que s'inflamma,
  Porque se não renove
Nos Lusos o valor dos seus Antigos,
Fataes sempre da Patria aos inimigos.

EPODO VI.

Seis valentes Paisanos
Denodados atacão na viagem
  Os Gallos veteranos;
Grande parte lhes tomão da bagagem:
A buscar os compellem na fugida
Appressados salvar a torpe vida.

ESTROFE VII.

Da facunda Minerva os bons Alumnos
Já seguem de Bellona os Estandartes:
  Na Lusitana Athenas,
  Quaes valerosos Martes
  Dos novos, crueis Hunos
Os esquadrões soberbos desbaratão,
Prendem huns, ferem outros, outros matão.

ANTISTROFE VII.

Ja fogem derrotados os Tyrannos
Das Provincias do Minho, e Tras-os-Montes,
E bellicosa Beira:
Os vís monstros bifrontes
Ja pagão c'os seus damnos
A, que urdirão traidora aleivosia
Ao PRINCIPE da Lusa Monarquia.

EPODO VII.

Em vão Junot raivoso
Os seus a proteger ligeiro corre:
O Britanno brioso,
Que os Lusos esquadrões prompto soccorre,,
Nos campos da Roliça, e do Vimeiro
Nelles faz hum estrago carniceiro.

ESTROFE VIII.

Já pedem se lhes dê franca sahida
Os perfidos, que entrarão protectores,
Temendo receosos,
Que em seus justos furores
Os vão deixar sem vida
Aquelles, que roubarão, protegidos,
Traidore, s aleivosos, fementidos.

ANTISTROFE VIII.

Já deixão o terreno Lusitano
Os Francezes, abutres esfaimados
De sangue, e de riquezas:
Já vivem libertados,
O'PRINCIPE Sob'rano,
Os Lusos, que Vassallos fieis vossos,
Cumularão os Gallos de destroços.

EPODO VIII.

Feliz com taes Sujeitos
Vós, PRINCIPE benigno, carinhoso!
  Estes são os effeitos
Do vosso terno amor, quando saudoso
Da vossa Lusitana se retira:
Estes hoje descanta a minha Lyra.

FIM.

A' Lusitania Triunfante dos Gallos.

SONETO.

N'Hum Solio magestoso, rutilante
A bella Lusitania vi sentada,
De louros verdejantes coroada,
Banhado de prazer tendo o semblante.

Vi tambem, que a seus pés França arrogante
Jazia de furor desatinada,
Procurando morder desesperada
D'Elysia forte a planta triunfante.

Debalde (disse então) monstro aleivoso,
Procuras escapar da justa pena,
Que merece teu genio revoltoso;

A Suprema Justiça recta ordena,
O Castigo supportes espantoso,
A que já todo o Mundo te condemna.

José de Goes.

SONETOS.

A Virtude louvar, cantar-lhe versos,
Os Vicios perseguir, satyrizallos,
Emprego sempre foi dos bons Poetas.

JOSINDO NABANCIENSE.

A
SUA ALTEZA REAL
O
PRINCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR
NA RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL.

SONETO.

DE prazer exultai, PRINCIPE justo;
Já forão derrotados os Francezes,
Que perfidos traidores muitas vezes
Ao Vosso Portugal causarão susto.

Ver ultrajado o Vosso Nome Augusto
Não podendo soffrer já tantos mezes,
Sacudirão os Vossos Portuguezes
Do vil Napoleão o jugo injusto.

O' PRINCIPE feliz com taes Vassallos,
Que souberão vingar Vossos Direitos
Da torpe usurpação dos feros Gallos!

A Vós querem sómente estar sujeitos:
Com amor Vós soubestes dominallos:
Estes do Vosso amor são os effeitos. *José de Góes.*

Ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo do Porto, Governador Presidente da Junta do Governo da mesma Cidade.

SONETO.

E Que? Sacro Pastor, não he bastante,
Que sejão Vossas armas o Cajado?
He preciso de mais, que denodado
De lança Vos armeis, e de montante?

Que ha de ser quando hum Tigre devorante
De Tigres outros mil acompahado
As ovelhas, que tenho a meu cuidado,
Me ataçalhão crueis a cada instante?

Os que são Portuguezes verdadeiros
Victimas ser não querem vergonhosas
D' huma horda vil d' infames bandoleiros;

Acções pois obrarei mais façanhosas
Por salvallos dos dentes carniceiros
De Feras tão brutaes, tão sanguinosas. *J. de G.*

Ao Senhor José Lopes de Sousa, Primeiro Motor da Liberdade do Algarve.

SONETO.

Q Uem he este Varão famigerado,
Que aos perigos valente se abalança,
E sem temor algum d' altiva França,
Seus Decretos despreza denodado?

Já não ha Portuguezes! Clama irado,
E ao cruel Edital prompto se avança,
Que rasgando raivoso, em terra lança,
Para que com seus pés seja calcado.

Dize, Clio, não tenhas mais occulto
O nome seu illustre, e glorioso,
Que tão digno se faz do nosso culto!

Mas que?.... sim: ouço já cheio de goso,
De mil acclamações entre o tumulto,
José Lopes de Sousa, Heroe famoso. *J. de G.*

A Portugal já livre da Tyrannia Franceza.

SONETO.

EXulta de prazer, Lysia formosa,
Que filhos inda tens Heroes prestantes,
Que as espadas brandindo fulgurantes
A Gallia destroçarão sanguinosa.

Em acção pois tão bella, e tão briosa
As tuas vestes toma roçagantes,
E qual foste nos dias teus brilhantes,
Te mostra a nossos olhos gloriosa.

Os parabens te dá cheia de gosto
Por ter sido tão prestes libertada
Do que soffrido tens, cruel desgosto;

E em teus damnos aprende escarmentada,
Que dos falsos Francezes o vil rosto
Hum' alma cobre perfida, damnada. *J. de G.*

Aos Illustres Portuguezes, que souberão vingar os insultos feitos á Patria pelos perfidos Francezes.

SONETO.

QUe Graças vos darei, e que louvores,
Inclytos Portuguezes valerosos,
Que exterminar soubestes corajosos
Da vossa Pratria os vís usurpadores?

Sem temor dos seus barbaros furores,
Quaes Leoens destemidos, generosos,
Que largassem fizestes pressurosos,
A preza, de que estavão já senhores.

Da Fama nos Annáes serão escritos
Vossos nomes, e vossa valentia
Nas pelejas, combates, e conflictos;

E eu sempre cantarei a galhardia,
Com que fortes punistes os delictos
Da, que França vos fez, aleivosia *J. de G.*

Contra os Portuguezes Afrancezados.

SONETO.

INteiros Magistrados Lusitanos,
Que puniz da justiça os offensores,
Como podeis soffrer inda os traidores,
Que as maximas approvão dos Tyrannos?

Porque cabo não dais desses Sejanos
Do nome Portuguez ultrajadores,
E d' Africa os mandais ser moradores,
Onde vão praticar seus loucos planos?

Vede, que assim o manda a sã justiça:
Vede, que o Bem commum assim o pede,
Negar-lho não podeis sem injustiça.

Quem c' os povos viver inda concede
A quem da sedição o fogo atiça,
O publico socego, e paz impede. *J. de G.*

A Bonaparte.

SONETO.

QUe he isto, Bonaparte? Que fizeste,
Que perdido já tens todo o conceito,
E faltando te vai o vão respeito,
Que dos teus Partidistas já tiveste?

Tu, louco, Portugal partir quizeste
Ind'antes d' a teu mando estar sujeito,
E com esta manobra, este tregeito
Enganar de Castella o Rei soubeste.

Se mais não avançaras, nem quizeras
A José, Irmão teu, dar as Hespanhas,
Talvez quanto querias, tudo houveras;

Mas tendo conhecido as torpes manhas,
Que palpar nos fizerão, quem tu eras,
A ninguem logrão mais tuas maranhas. *J. de G.*

A Lagarde.

SONETO.

MOnstro feroz, brutal, sem fé, sem brio,
Cruel Algoz de sangue insaciavel,
Por mortes e rapinas detestavel,
Do fero Corso imitador bogio,

Que he do teu insensato desvario?
Que he da tua cobiça abominavel?
Que he da tua fereza inexoravel?
Que he do teu insultante poderio?

Foge de nós, Lagarde, a todo o pano,
Se desejas salvar a torpe vida
Do braço valeroso Lusitano.

Vê, se não accléras a partida,
Talvez levar não possas ao Tyranno
As novas de que França foi vencida. *J. de G.*

A Tomiers fugindo só por ouvir o estrondo da nossa Artilheria no Forte da Nazareth.

SONETO.

OH lá, meu Tomiers, vem cá, não fujas.
De que foges? Cobarde! Não reparas,
Que a fugida, a que fraco te preparas,
Em tudo s' assemelha á das Corujas?

Porque causa o temor não sobrepujas
Dessas, que te parecem, forças raras:
De mais perto as conheces, fazes claras:
Com ellas teu valor desenferrujas

Já vejo que es poltrão, que es vil sendeiro;
Pois foges so d' ouvir a Artilheria,
Qual do som da pistóla o bandoleiro.

Ora deixa por tanto a vã mania
De querer ostentar de grão Guerreiro:
Tomar o nome vai de Mãe Maria. *J. de G.*

A Brenier prezo na batalha de Vimeiro.

SONETO.

MOnstro de crueldade, e de fereza,
Emissario do fero Bonaparte,
Como te não valeo tua vil arte
Para deixar de ser dos nossos preza?

De nada te servio tua destreza:
Não podeste fugir, nem escapar-te
Dos golpes, que te deo hum Luso Marte,
Dando-te a conhecer sua braveza.

Agora ficarás desenganado
Que se crião na Lysia Heroes valentes,
E d' animo robusto, e denodado.

A todos poderás fazer patentes
Os golpes, com que então foste cortado,
E com elles mostrar-lhes que não mentes. *J. de G.*

A Novion.

SONETO.

INgrato Novion, traidor infame,
Assim pagaste o bom acolhimento,
Que achaste no teu grande abatimento,
Que tiveste no teu maior vexame?

Deixa d' ingratidão monstro te chame;
Pois com peito doloso, fraudulento,
Para chegar ao fim do teu intento
Cometteste de crimes hum enxame.

Tu, perfido faltaste á lealdade
Ao PRINCIPE dos Lusos promettida,
Por dos Gallos seguir a falsidade.

Bem fizeste por isso na partida
Unir-te c' os authores da maldade;
Pois sómente com elles terás vida. *J. de G.*

Aos bravos d' Austerlitz , e Marengo.

SONETO.

JA estais esquecidos das proezas
Que a Fama divulgou das vossas glorias ,
E só hoje sabeis contar victorias
Conseguidas a troco de vilezas !

Quaes são sabemos já vossas fraquezas ,
Dellas cheias estão nossas Historias:
Firmes sempre teremos nas memorias
As , que tendes obrado , vis baixezas.

Porque não consentis fiquem armados
Esses , que blazonais estar vencidos ,
E da Patria os mandais ir desterrados ?

He , sim , porque temeis ser rebatidos ,
Se não forem de todo desarmados ,
Os que forão por vós sempre temidos. *J. de G.*

A Laborde , vendendo o melhor que podia o que saqueou , principalmente do Palacio do Duque do Cadaval.

SONETO.

QUe he isto , meu Laborde , não tens susto
Que se diga de ti que es ladrão raro ;
Pois os furtos , que fazes , vendes caro ,
Sendo delles senhor a nenhum custo ?

Mostra ao menos nas vendas , que es mais justo ,
E dos alheios bens não es avaro ;
Nem tu queiras causar novo reparo
Por querellos vender por preço injusto.

Os que em Casa do Duque arrebataste
Sabemos todos como os tens vendido:
Faze o mesmo c' os mais , que ja roubaste.

Este o meio será , para que tido
Na má quadrilha sejas por bom traste ,
O melhor dos Ladrões , que tem havido. *J. de G.*

69-809
R.B. Rosenthal
5/14/69

C809
G598f